

A literatura é hoje a mais avançada das artes, tornou-se quasi uma ciência. Na exploração do Homem desceu até ao lódo da sua personalidade, observando o fermentar da sua vida funda, para a dar a ler como experiência e como ensinamento.

Fixa o movimento dum grupo, dum individuo, fazendo-nos incarnar nêle, viver a sua experiência — cada homem é uma vida em experiência —, abre-nos a variedade complexa de múltiplas existências por nós insuspeitadas em insuspeitadas formas de viver.

A literatura faz-nos mais sociais, descobrindo-nos uma vida ampla, luxuriante, trabalhosa, a doer e rir com a nossa por dentro dos rostos parados que nos passam pelos olhos. As pessoas dum livro são tão reais como as de carne e osso, e nós sentimos o seu caso — e vivêmo-lo.

É um pedaço de vida que se acrescenta em nós, enriquecendo a nossa reserva de experiência vivida. A Beleza não se contempla, vive-se. Vamos avançando no livro — e o nosso poder criador desenha cada vez mais nítidos os personagens, damos-lhes o nosso movimento, a febre do nosso drama — e não foi só o que o autor escreveu que nós lemos, crescemos à sua construção a nossa vibração vital, metemo-nos dentro dos seus personagens sentindo-os tanto que não parecem mais que rasgões palpitantes de nós próprios.

No seu corpo histórico soma a literatura grandes realizações, algumas com um conteúdo de humanidade admirável.

Dostoiewski pôs no papel vidas extraordinárias de homens doentes, de vibráteis sensibilidades degeneradas que todos os dias passam por nós na compostura insuspeita dos seus colarinhos.

De todos os técnicos da literatura é êle que consegue pôr o homem mais a nú na sua humanidade sublime e reles. Não quer isto dizer que Dostoiewski exprimisse na palavra o Homem todo, porque êste é mais rico de taras e saúdes que as criações imaginosas de todos os literatos.

É aí que está o milagre do Homem: tem vivido milhões de vidas a exprimir-se, a trazer-se para a côr, para a palavra, para o som, para a pedra, e tem sempre uma novidade a revelar, uma idea nunca dita, que a sua vida e poder criador nunca se esgotam nem se repetem — o Homem é mais fecundo do que a Terra.

Tôda a arte é uma deformação subjectiva da realidade — a literatura é um processo dessa deformação.

Com as épocas e armações sociais viu através de planos variados de deformação: foi clássica, romântica, realista.

Hoje a literatura tem que ser mais que tudo — Humana. A mais valiosa é a que encerra maior quantidade de Homem.

O dogma, ócio de aristocratas, de a arte pela arte, foi que pariu essa aluvião de lirismos castrados que em verso e prosa abarrotam três séculos de produção literária.

Cada individuo arde sua inquietação, seu desespero; chora, torce-se, canta dentro de si e ao mesmo tempo asfixia por sair do seu corpo, comunicar com outrém, participar da vida de todos, atirar-lhes a sua alegria num entrelaçamento de solidariedade.

A literatura humana é a publicação da tragédia do Homem: rasga as paredes do seu egoísmo fechado para deixar vêr a sua abafante angústia de comunicação social.

A utilidade da literatura está em dar-nos o conhecimento vivo da profundidade humana do individuo, abrir um ceu mais amplo à nossa visão da vida, avolumar de agitação possante, rica, tumultuosa, à experiência de viver do nosso corpo. Nela o Homem está sôbre a Natureza; robusto e novo, não pára a contemplá-la, esforça-se por submetê-la ao seu serviço.

Esta propaganda da compreensão do Homem tem que ser escrita numa linguagem transparente de palavras simples — que comunique o seu calor à Humanidade de cada um.

O analfabetismo e a pretenção de escrever difficil roubam a muita gente os gosos da cultura.

A maior parte dos homens vive isolada, abaixo dêsse cachoar fértil do mundo das ideas, aproveitadas apenas por um pequeno número de privilegiados.

O escritor é um produtor social de Beleza útil ao serviço da multidão.

A Idea vale mais que por ser bela, por ser útil, e será tanto mais útil quanto maior o número de individuos a quem foi distribuída.

É preciso que a literatura, dando-nos um banho de vida nas cachoeiras da tragédia do Homem, nos torne mais sociais, quere dizer mais humanos.

EM ÊXITO

Não é exagêro dizer-se que *Sol Nascente* teve bom acolhimento em todos os meios. Provam-no exuberantemente as palavras de simpática camaradagem com que a Imprensa dos mais diversos sectores nos tem acolhido, e, mais ainda, o avultado número de pessoas que têm vindo até nós, saúdar-nos pelo nosso aparecimento.

Isto representa para nós grande êxito, êxito

êste de que partilha o conjunto notável dos nossos colaboradores. Nesta ordem de ideas, e porque *Sol Nascente* tem de manter uma linha progressiva, dirigimo-nos aos nossos leitores a-fim-de intensificarem, por todos os meios, a expansão do nosso quinzenário, certos de que, auxiliando-o, servem a cultura e o povo.

Que cada um dos nossos leitores mêtá mãos à obra, enviando-nos boletins de novos assinantes (certos e prováveis), fazendo-nos chegar, emfim, a todos os recantos onde ainda falta *Sol Nascente*.